

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

VERA MARIA RIBEIRO VINHAES
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – História da criação da Faculdade de Medicina Souza Marques

Entrevistado – Vera Maria Ribeiro Vinhaes (VV)

Entrevistadores – Alex Varela (AV) e Dilene Raimundo do Nascimento (DN)

Data – 27/04/2006

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 1h 30min

Transcrição – Maika Lois Carocha

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

VINHAES, Vera Maria Ribeiro. *Vera Maria Ribeiro Vinhaes. Entrevista de história oral concedida ao projeto História da criação da Faculdade de Medicina Souza Marques*, 2006. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 19p.

Data: 27/04/2006

Fita 1 - Lado A

DN – Vamos dar início a entrevista com a doutora Vera Maria Ribeiro Vinhaes para o projeto “História da criação da Faculdade de Medicina Sousa Marques”. Hoje são 27 de abril de 2006, estamos no Rio de Janeiro e os entrevistadores são Dilene Raimundo do Nascimento e Alex Varela.

Doutora Vera, a gente gostaria de saber um pouco de você, onde nasceu, como é que foi a sua infância, sua família e os seus pais o que faziam.

VV – Eu nasci no Rio, sou uma raridade no Rio, sou carioca. É muito difícil uma carioca no Rio. E meus pais, meu pai é militar, se aposentou pelo Exército, minha mãe era professora primária enquanto solteira e depois que casou virou doméstica. A minha infância foi assim muito dirigida, sobretudo pelo meu pai que queria me preparar desde cedo para a velhice. Imagina você. Então eu lia, desde cedo a vida após os 80 anos e outras coisas e ele era médico e como era médico tinha uma visão assim muito biológica.

DN – Ele era médico militar?

VV – Médico militar.

DN – Do Exército?

VV- Então, os livros que ele me dava eram assim Tragédia biológica da mulher, Psicopatologia das multidões, A vida após os 80 anos, esses eu me lembro. Minha infância foi assim muito adulta entende?

DN – Você era filha única?

VV – Sim. Eu estudei primeiro no Colégio Lafaiete. Acho que nem existe mais.

DN – Na Tijuca?

VV – Não, em Botafogo, naquela época morávamos em Botafogo. Era um colégio grande e tal e depois eu fui para o Colégio Resende, que ainda existe em Botafogo. Nós viajamos muito devido ao fato de papai ser militar. Então fomos para Belo Horizonte. Belém. Para cada lugar que eu ia, queria me mudar. Era bom porque eu me adaptava bem, aliás, o melhor colégio que eu estive foi em Belém do Pará, absurdo né? Foi o único lugar que eu consegui entender matemática. Excelente o colégio, foi muito bom. Daí, científico foi aqui.

DN – Era difícil isso. Você, como filha única estar sempre deixando para trás os amigos?

VV – Não, eu achava ótimo. Sempre queria me mudar. Esta coisa de estar sempre me mudando e a expectativa de conhecer sempre gente nova. Me lembro até hoje em Belém do Para o cheirinho da terra molhada. Porque lá chove muito e o meu colégio era perto

da fábrica *Phebo* de perfumes. Então, quando chovia vinha aquele cheiro de perfume. Tudo era novidade, eu gostava muito. A comida diferente, amigos diferentes, eu adorava. Enfim, morei um tempo em Belém do Pará, dois anos e meio em Belo Horizonte, variava muito. E depois vim para o Rio. Estava na época de decidir pela carreira. Isso foi quando, eu entrei no Colégio Resende. Eu tinha uma tendência a fazer química. Mas, achei muito difícil, muito árida. Nada de números para mim, hoje em dia eu detesto números. Influência do meu pai que dizia: só decora quem é burro, a gente tem que raciocinar. Esquece as datas, não decora as datas. Até hoje eu não sei datas. Depois, eu pensei em Direito. Mas, direito todo advogado é... Não direito não, muito difícil. Então eu pensei... Na verdade, eu queria mesmo era fazer medicina, mas achava que era influência do meu pai e queria fugir dessa influência. Afinal, eu decidi pela medicina.

AV – Por que?

VV – Decidi pela medicina porque...

DN – Porque, por exclusão?

VV – Não, não. É que, é o seguinte se eu escolhesse medicina não precisaria depender dos outros para diagnósticos, podia avaliar melhor as coisas, entende? Podia ser mais autônoma. Eu sentia que medicina era melhor porque me dava um conhecimento bem amplo dos fenômenos da natureza e químicos. E realmente os fenômenos biológicos me atraíram muito. Eu tive um professor chamado Curvelo e ele chegava todo dia sete e vinte da manhã e eu era argüida sobre a matéria anterior então em biologia eu estava muito preparada. E aí foi assim que eu resolvi fazer medicina. Eu não fiz nenhum cursinho, nem nada não. Resolvi estudar sozinha

DN – Esse colégio Resende era forte?

VV – Olha, deixa eu te dizer, não era um colégio do primeiro escalão, mas tinha bons professores. Tinham muito bons professores, sobretudo na área médica e de biologia e isso me ajudou muito. Eu estudei e passei. Ainda sobraram vagas e eu achei ótimo.

DN – Nessa época, existiam muitas mulheres fazendo curso de medicina?

VV – Nos éramos 10% da turma, poucas. Hoje é, mais ou menos, 50%. Quando nós entramos, sofremos muitos trotes e brincadeiras. Eu lembro que tinha uma ponte que isolava os dois prédios, então o pessoal do segundo ano colocava as mulheres ali e dizia que era harém. Foi aí que eu encontrei o Doyle que era o meu professor de histologia. Ele era um ótimo professor, uma pessoa correta, sempre foi um parâmetro para mim. (...) Anatomia foi uma disciplina mais complicada. Era muito complicado para estudar, tinha que roubar cadáver e tal. Então, foi mais pesado. Histologia foi excelente, biofísica foi muito ruim, difícil de agüentar. Melhor não falar as coisas ruins. Mas, foi tudo bem, o curso foi tranquilo. Lá, pelo terceiro ou quarto ano, o filho do reitor fez o vestibular a passou então ele teria que ser submetido a raspar a cabeça como todos os meninos faziam na época. Então, o reitor mandou dizer que se raspássemos a cabeça dele, que a nossa turma ia levar pau. Conclusão, rasparam a cabeça do coitado e toda a minha turma levou zero. Eu estava com média para passar, mas levamos zero em todas as disciplinas.

DN – Em todas?

VV – Zero em todas as disciplinas, todo mundo levou zero como se tivesse feito uma prova. Hoje em dia, nem se poderia fazer isso.

DN – Quem era o reitor?

VV – Era o Calmon, Calmon não, era aquele de neurologia. Não me lembro o nome. Era um cara cheio de cacoetes, ele tinha muito prestígio. Agora não me lembro bem, devo ter bloqueado o nome dele. Ele anda por aí, mas melhor não citar nomes.

DN – Mas a história é feita pelas pessoas também.

VV – Deolindo Couto. Eu sei que foi uma punição para a turma toda. Daí pra frente acabou esse negócio de raspar cabeça.

DN – O hospital era Santa Casa?

VV – Santa Casa, São Francisco e Moncorvo [Filho]. Os três pólos eram separados, só depois juntaram tudo no fundão. Eu comecei a trabalhar na Santa Casa logo depois que me formei como voluntária, eu já estava como interna e fiquei no setor de gastro. (?) Um tempo depois, abriu concurso para o DASP. Naquela época, não tinha negócio de mestrado e doutorado. Foi muito engraçado que eu estava descendo a escada da Santa Casa e passou uma amiga que eu não via a muito tempo e ela disse que estava correndo para fazer o concurso do DASP. Ela me perguntou: você não vai fazer o concurso? Tem para todas as áreas. Eu disse que nem estava sabendo. Ela disse: tem na área medica também. Eu disse: não diga. Fecha amanhã.

DN – Então. Você também correu?

VV – Nessa época, estava acontecendo uma coisa muito trágica comigo. Eu tinha um tumor chamado (?) na calda do pâncreas. Esse tumor produz insulina e freqüentemente você entra em coma insulínico. Você entra em coma e às vezes, os sintomas parecem que você está embriagado. Mas, resolvi encarar. Disse vou fazer, era uma prova de seis horas. Eu fui com duas garrafas de suco de laranja com bastante açúcar, chocolates. Não podia ficar muito tempo sem comer porque senão poderia até entrar em coma, mas eu fiz a prova de seis horas e comi o tempo todo embora, tenha ficado com muito medo de passar mal ou algo dar errado. Dois fiscais do DASP ficaram o tempo todo do meu lado porque acharam que eu tinha cola na comida e ninguém entendia porque eu tinha de comer tanto. Mas, afinal foram seis redações. Eu apavorada de entrar em hiperglicemia e escrever besteira, mas afinal eu passei e ainda sobraram vagas. Eu passei e depois ainda tinha uma prova oral que era exame de doente. Não sei como saiu porque era síndrome de raiké. Eu nunca tinha visto uma síndrome de raiké, mas saiu. O subconsciente da gente é uma coisa engraçada, as vezes junta as coisas e aí veio outra tragédia. Eu podia escolher qual era o Ministério em que deveria ser alocada. Todo mundo queria o do Trabalho porque tinha entradas grátis pra shows. Eu queria educação porque eu já trabalhava na faculdade e queria ensinar. Pensava que podia ser alocada na universidade e ensinar. Porque, ensinar era o que eu gostava de fazer. Então, eu pedi Ministério da Educação. Foi um desastre. Entrou o Jânio Quadros e ele era duro. Eu ficava oito horas e tinha que dar licenças para os funcionários do Governo. Tinha que ficar oito horas em uma sala. A maioria das licenças era falsa. Eu estava acompanhada de outros dois médicos, eles ficavam lá

comigo, achavam tudo muito normal. As características deles, eles gostavam muito de bolinho de bacalhau. Eu estava mesmo desesperada naquela época. Era muito o cioso então eu resolvi. Nessa época, eu já estava namorando o Vinhaes.

DN – Vocês se conheceram na Santa Casa?

VV – Sim, ele era professor lá. Tem uma fase muito interessante sobre isso. Então, apareceu a oportunidade de eu traduzir um livro de medicina. Eu levava o livro e traduzia lá. Deixava o bolinho de bacalhau de lado e ia traduzindo, traduzindo lá no DASP. E passagem, Vinhaes foi meu professor, não sei se ele te contou isso.

DN – Não.

VV – Ele gosta muito dessa passagem. Eu sempre tive uma idéia de que o método tem que ser muito objetivo. Não adiante ensinar cirurgia no quadro negro. É um absurdo. O Vinhaes dava aula de cirurgia e ele sabe muito, fala muito depressa. Ele chegava lá e falava muito. Teve um dia que eu estava articulando um negócio e ele falando muito e eu joguei, acho que era um lápis e disse: esse cara é um camelô da rua larga. (risos). Até hoje ele diz: pagou, pagou pela língua. Eu achava isso um absurdo, mas era o jeito dele. Mas, aonde eu estava?

DN – No ministério da educação.

VV – Eu estava lá traduzindo o livro, mas, mesmo assim, eu não agüentava mais aquilo. O Góes era o chefe de lá e todo mundo tinha pavor dele, do Góes. Chegou um dia, eu não sei o que houve com o negocio dos funcionários.

DN – Góes. O nome todo dele lembra?

VV – O nome todo não sei, não. Então, eu sei que eu briguei com ele e ele comigo. Eu briguei com o meu chefe que era o Góes, nós brigamos e eu gritei com ele. Todo mundo ficou dizendo que eu ia ser mandada embora e eu pensava que nada, estou com a razão. O ambiente ficou tão pesado que depois ele chegou para mim, me deu uma licença e mandou eu fazer uns levantamentos nas autarquias, ministérios porque ele ia para a Inglaterra apresentar um trabalho em um congresso sobre medicina comunitária, achei que ia ser moleza, mas, eles não tinham dados de nada. Eu corria de um lado para outro. Tudo eram estimativas. No IBGE diziam: se você tiver alguma coisa trás pra gente. Então, eu fui no ministério da educação. Ah, você é a ultima concursada. Nos só temos 18 médicos registrados, o resto está tudo por aí, em ambulatórios. Depois eu fui caindo na real. Era tudo um caos e eu cheguei para ele e disse que não dava, eram estimativas e olhe lá. Depois o Góes acabou ficando meu amigo.

DN – Você lembra o nome todo dele?

VV – Ah, não lembro. Eu cheguei para ele e eu disse que não ia agüentar ficar naquela função burocrática, trancada em uma sala. Deixa eu te explicar melhor, trancada com um aborteiro e um adorador de bolinho de bacalhau, 8 horas por dia. Não dá, não dá, eu não agüento não. Eu disse que queria ir para a faculdade. Ele me disse, vai lá, fala com o reitor, se você conseguir, eu te dou a transferência. O reitor nessa época era o Calmon. Fui lá, falei com ele e consegui. Fui cedida para a Faculdade Nacional de Medicina.

Cedida do ministério da educação para a faculdade de medicina. Eu dava aulas lá e atendia em ambulatórios. Eu gostava muito. Porque mesmo, no Ministério, eu ia à tarde para a Santa Casa. Depois que entrou o Jânio e bloqueou os dois horários foi um desespero porque eu fiquei afastada. Era medicina que eu tinha feito. Porque, eu gostava muito das trocas que se davam lá. Naquela época na Santa Casa tinha muitas reuniões, muitos alunos, muito estimulante. Havia, por exemplo, uma vez por semana, as sessões clínicas que eram as discussões dos casos. Essas discussões dos eram riquíssimas. Eu estava perdendo tudo isso em nome de que. Chegava uma mulher e dizia: amanhã, eu quero fazer um aborto. Em geral, eram aquelas mulheres do ministério, amigas dos secretários. Tinham um posto de aborto. Um dia, eu estava tão cheia que disse: me diz aonde é, que eu vou dar queixa. Que coisa horrível. Eu fico falando essas coisas parece que eu estou tirando vantagem, mas não é vantagem não, é sofrimento. Então, eu fui para a faculdade e houve um enquadramento.

DN – Lembra o ano disso?

VV – Não. É fácil veja aí o ano do Jânio Quadros.

AV – 1960.

VV - Houve o enquadramento na faculdade. Tinham pessoas em situações semelhantes à minha, mas que não queriam pedir enquadramento. Eu pedi e eu queria entrar como professora da Faculdade e não como médica cedida a faculdade entende. Isso nem era vantagem financeira porque a faculdade sempre foi muito pobre. Mas, era o que eu estava fazendo e eu fui enquadrada. Mas, pelo concurso do DASP, eu era um nível mais alto. Só que nesse enquadramento, eu fui rebaixada porque no DASP, eu era do nível mais alto e na faculdade fui enquadrada em um nível mais baixo como professora assistente. Sobre a alegação de que professor adjunto teria que ter uma experiência em livre docência e eu não tínhamos. Eu não tinha livre docência. Mas, como eu não sou de me conformar muito com as coisas e eu achava que tinha um direito adquirido já que passei em um concurso de nível, entende. Entrei com um processo administrativo na própria reitoria e consegui ficar como professora adjunta. Mas, aí ficou com aquele ranço adjunta biônica. Só que nas pessoas, nos outros professores sempre ficou aquele ranço porque eu não tinha docência. Então, assim que começou a docência eu fui fazer. Não ia me acrescentar em nada para subir na carreira, mas eu queria. Foi uma trabalhadeira danada porque eu resolvi fazer a docência em 6 meses e eu trabalhei como uma louca. Valeu porque eu precisava de uma casuísta significativa e eu queria algo ligado a gastrologia porque era aonde eu trabalhava e dentro do setor que eu trabalhava que era (?). Eu posso aproveitar meus doentes lá na enfermaria. Sabe essas coisas do subconsciente, estava descendo uma escada, quando cheguei lá em baixo, já sabia o que iria fazer. Fiz avaliação de (?) através de dosagens enzimáticas.

DN – Da 15?

VV – Sim, eu pegava os pacientes da 15. Corri e fiz a docência, foi maravilhoso. Fiz a tese, passei com 10. Era uma coisa que ninguém nunca tinha feito aqui. Depois eu fui ver, a gente nunca consegue ser original. Depois que você faz o levantamento bibliográfico e que vai ver. Na Rússia já tinham feito. Mas, tinham poucos trabalhos e nenhum tão sistematizado, de modo que foi bom. Então, acabou isso, fiquei então podendo ser adjunta com toda a titulação necessária. Logo depois, o grupo começou a se movimentar para a

fundação da Sousa Marques. Não me pergunte como, que eu não lembro. Só sei que se reuniam à noite lá em casa para conversar. Nessa época, eu morava em Ipanema.

DN – Que grupo? De alunos?

VV – De professores. Paiva Gonçalves, Jarbas Porto, Vinhaes, Doyle. Eu me lembro bem do Doyle porque eu tinha um daqueles relógios digitais que batiam 1, 2 minutos e o Doyle dava aulas muito cedo na faculdade e ele ficava: está vendo, tá batendo, a hora está passando. Então tinha o Doyle [George Bittencourt Doyle Maia], Passareli, que ia pouco, Mário Miranda, Pedro Ribeiro. Esse era o grupo inicial. Acho que só porque tinha muita gente que aparecia eventualmente. Falei todos, você tem aí o nome deles?

DN - Doyle não estava no grupo inicial.

VV – Então, ele deve ter ido nas reuniões de implantação do ciclo básico.

DN – Isso.

VV – Passareli não me lembro bem se ia. Não, Passareli nunca foi lá em casa. Ele e Vinhaes tiveram uma briga.

DN – Você participava das reuniões?

VV – Não, eu observava incógnita, às vezes, porque na maioria das vezes estava fazendo outra coisa, queria dormir, fazer outra coisa, mas eles gritavam tanto. O Jarbas tem aquele vozeirão, então eu ficava como (?). Não participei não. Aí, começou a implantação. Foi nessa época também que na Nacional estava havendo um grande movimento de renovação no ensino médico, nas escolas médicas. Eles estavam fornecendo professores porque até esta época, o ensino médico era aleatório, não sistematizado, sem objetivos, nem nada. Eu achei isso muito bom, entrei em tudo que era curso que a ABEM tinha. Nessa época, houve uma sistematização do ensino médico, com uma divisão maior das especialidades. Eu participei ativamente dessas discussões. Nessa época começou a acontecer a fundação da Sousa Marques e alguns desses professores davam cursos noturnos na Sousa Marques para professores. Mas, os professores de modo geral se julgam muito importantes, acha que sabem de tudo. Aí então resolveram que eu seria coordenadora de ensino.

DN – Peraí. Vamos voltar um pouquinho, acho que você está correndo, exatamente em um ponto crucial. Olha só, você disse que esse grupo se reunia na sua casa. Mas, antes de começarem a se reunir na sua casa, teve algum outro encontro, outro lugar de encontro, alguma outra idéia? O grupo se reunia para que? A Sousa Marques já estava na história?

VV - Não sei. O grupo se reunia para formar a Sousa marques.

DN – A idéia de formar uma faculdade de medicina da Santa Casa você não acompanhou?

VV – Não acompanhei diretamente. Não tenho nada a ver com isso, estou inocente. (risos) Não sei de nada, tô fora.

DN – Você participava como? Esse grupo se reunia na sua casa para quê?

VV – Olha, eu não participei como te disse. Era apenas era a mulher do Vinhaes, eventualmente servia um cafezinho e tal. Sei, que eles discutiam como e onde implementar a Sousa Marques, mas eu não estava a par das discussões. Sei que eles estavam procurando meios e modos para operacionalizar uma escola médica, que nome teria, quem patrocina. Porque para você formar uma escola médica haveria de ter uma conexão.

AV – Nessa época não havia nem a instituição?

VV – Não, estavam discutindo. Vamos para a Santa Ursula, para a Puc, para a Santa Casa. Não sei como, acho que através do Paiva Gonçalves que veio a Sousa Marques como mantenedora.

DN – Você sabe como surgiu a Fundação Sousa Marques nessa história?

VV – Olha, foi por intermédio do Paiva, mas só sei isso.

DN – E o pessoal da ABEM era um pessoal qualificado para a metodologia de aula?

VV – Eram muito bons. Mas, a relação e a presença da ABEM, era muito forte na Nacional [UFRJ], na Sousa Marques essa relação era mais tênue. Na Sousa Marques foi consequência e não foi tão intensa quanto a participação na Nacional. Então, eu era uma filha degradada. Ingressa da ABEM, que quis implantar algumas coisas na Sousa Marques. Fui eu quem tentou implementar na Sousa Marques o que se discutia, as novidades no ensino médico que eram discutidas na ABEM. Em função desse meu interesse. Porque o objetivo de uma escola medica é o aluno e não o professor. Porque na minha cabeça isso está muito delimitado, se nós tínhamos uma escola medica, tínhamos que pensar no aluno, para pensar no doente. Mas, eu não sei, sou muito critica, muito chata.

AV – Você dava aula nessa época na Nacional?

VV – Sim.

AV – Você se recorda a data que entrou na Nacional? Você fez esse concurso do DASP e depois foi transferida?

VV – Não, não sei nada de datas. Tenho horror a números. Eu nunca me afastei da Nacional, dava aulas na Santa Casa. Como eu disse, eu dava aulas como voluntária na Santa Casa para alunos da Nacional.

AV – Porque a Santa Casa era um dos três hospitais da Nacional?

VV – Isso.

AV – O que eu gostaria de saber é o seguinte. Como era o ensino na faculdade nacional nesse momento, tanto no ensino quanto...

Fita 1 - Lado B

VV – (...) A pesquisa sobre o ponto de vista do ciclo básico, tinham coisas muito famosas como a do Carlos Chagas, com os peixes elétricos dele, ele ficou muito famoso no mundo todo. Mas era um péssimo professor, só era bom pesquisador. O curso dele era muito delegado para a parte de pesquisa. Isso era o que chamava muito atenção. No ciclo profissional também não tinha pesquisa porque para isso deveria ter uma boa relação, um bom entrosamento com o ciclo básico e não havia. Se você não tivesse pesquisa laboratorial. Parecia que eram duas coisas descoladas. O que havia mesmo era pesquisa clínica. Essa eu não vou nem me arriscar a dizer se era boa ou ruim. Provavelmente não eram tão embasadas como passaram a ser posteriormente. Mas, também isso decore de que tudo se tornou muito mais técnico do que era naquela época. Tudo era muito diferente do que é hoje em dia, não tinha essa profissionalização da pesquisa. Eu passei por um período crítico nessa época, porque durante um período, eu fui para Belém do Pará. Uma época em que o foco de doenças lá era o esquistossomose mansoni. Então, eu trabalhava muito com o Figueiredo Mendes na Santa Casa com (?). Então, a esquistossomose era um problema nacional. Quando eu fui para lá, fui trabalhar seis meses na Santa Casa de lá em uma pesquisa sobre esquistossomose com um médico, o Dr. Vasconcelos que nessa época estava preparando sua tese e tinha um interesse especial em esquistossomose. Essa doença era um problema crítico no Brasil nessa época. Eu fui lá para Belém trabalhar diretamente com o doutor Barros Coelho. Esse médico tinha uma documentação fantástica sobre a doença, tudo muito bem organizado e catalogado. Nós estudávamos tranqüilamente, cada um tinha uma lâmina. Quando chegava de tarde, nos sentávamos e uma mesa grande e tinha o (?). Cada um com seu microscópio, com a sua lâmina, tranqüilamente. Eu fiquei deslumbrada porque era tudo muito organizado, eles tinham lâminas para todas as doenças. Era uma maravilha porque eu uma pequena lâmina você tinha esquistossomose, tuberculose, várias doenças.

DN – Você foi para o Pará fazer um estágio?

VV – Sim, de seis meses. Enviada pela Santa Casa. Naquela época, eles faziam uma coisa terrível que era dar o (?) na veia, aquilo é altamente tóxico. Mas, de para eu avaliar bem, sobretudo sobre o ponto de vista do tratamento. Eu fui trabalhar na procura pela cura e nos modos de cirurgia de pacientes com a doença porque nas cirurgias de esquistossomose mansoni provocava muita hemorragia, a doença provocava isso. Havia muita discussão sobre o ponto de vista cirúrgico, sobretudo devido às hemorragias. No grupo lá do nordeste era (?) pura e simples, aqui no Rio se fazia (?). O que mais me incomodava era a discussão. Mas, ninguém tinha uma documentação para embasar as opiniões. Porque não tinham uma avaliação do acompanhamento dos pacientes, os pacientes se perdiam. Eu tive casos de (?) aqui horríveis. Ele ficou numa psicoterapia que ele comia os dedos. Bem, deixa isso para lá. Então, essa avaliação, essa sistemática eu acho muito importante, transmitir isso para o aluno. Os resultados são muito importantes. Só para lhe dizer que os meus objetivos eram o aluno na escola, os doentes no hospital e o resto eram consequência. Antigamente, o professor era o magister. Isso tinha que acabar, eu tive brigas horríveis por conta disso. E que mais, você quer saber mais alguma coisa?

AV – Vamos lá. Vera, em que momento você acha que começou uma preocupação do Governo, de órgãos governamentais com a pesquisa nas universidades, em fomentar a pesquisa na área médica?

VV – Olha, é difícil te precisar isso Porque eu não tenho dados concretos e gosto mesmo de ter a avaliação dos dados. Não posso te dar isso com precisão. Existia pesquisa na área clínica. Mas, o embasamento científico dessa pesquisa clínica era muito fraco, precário. Aos poucos é que foram se construindo os métodos, os tijolinhos a metodologia da pesquisa médica. E assim mesmo, você tem que estar sempre vendo uma avaliação crítica sobre qualquer tipo de pesquisa. A primeira coisa que você tem que avaliar é o método. A pesquisa na era médica é muito específica e muito mais difícil porque não é uma pesquisa reta, exata. Não é matemática. A observação de fenômenos biológicos requer muita cautela. Olha, muita coisa começou a ser feita com a fundação da Capes. Eu mesma fiquei como conselheira da Capes, mas não sei te dizer o ano disso. A Capes era um incentivo a uma pesquisa mais sistematizada. A Capes e o CNPq. Mas, na área médica pelo menos, eu era ligada a Capes. Era uma coisa mais organizada, mais científica.

DN – Eles davam bolsas, não é?

VV – Sim, vários tipos de bolsas e financiamentos também.

AV – Então, isso já é praticamente na década de 1970 com os governos militares que incentivaram o surgimento das pós-graduações em todo o país?

VV – Sim, houve um boom das pós-graduações na área médica. Dava um enorme status ter feito uma pós. Pouca gente sabia ao certo o que significava uma pós, mas todo mundo queria porque era um status. Todo mundo queria ser, mas o que isso significava era muito complicado.

AV – O Jânio na década de 1960. Assim, os investimentos para você ter material de pesquisa, recursos humanos, da área de pesquisa da década de 1960 foram muito menores do que os investimentos posteriores dos governos militares, nessa mesma área?

VV – Olha, isso eu não sei te dizer muito porque nos anos 1960, eu estava na “social” lá no Ministério da Educação, não tinha noção desse assunto. Eu dava aula na Santa Casa, mas não estava envolvida em pesquisa nessa época.

AV – Mas, quando você começou a se envolver e pesquisa lá na Nacional, você já encontrou tudo organizado ou foi um processo?

VV – Não era um caos. Quando eu estava na Capes, eles quase me expulsaram porque eu vivia dizendo que aquilo era um samba do crioulo doido. Porque, o que acontecia, você fazia um projeto, as pessoas mandavam os pedidos de financiamento com levantamentos de materiais e agentes, mas, quando o financiamento saía, 1 ou 2 anos depois estava tudo defasado porque tínhamos uma inflação muito alta. Existia uma inflação maluca. Não era a falta de dinheiro, era falta de organização porque quando chegava dinheiro já na dava mais para nada. Eu sempre dizia: vamos devolver esse dinheiro, não dá, mas para a pesquisa. Mas, ninguém queria devolver, compravam outras coisas, um monte de tubos de ensaio e tal e a as pesquisas originais demoravam a sair. Não era a falta de dinheiro, era a falta de organização, de coragem, de você dizer eu quero isso e não aquilo. Então devolve porque não tinha mais sentido aquilo, mas não se devolvia. Então, você entende até a pesquisa se estruturar foi muito difícil. Não havia uma conscientização do que deveria ser realmente a pesquisa. Não havia um financiamento adequado. Para você ver, nessa época, nos estávamos fazendo uma pesquisa sobre sais biliares e para isso

precisávamos de uma integração com o ciclo básico, senão a pesquisa não era válida. Estávamos no meio da pesquisa, eu e um mestrando meu, todos felizes. Aí, a pessoa que estava fazendo a pesquisa foi requisitada para ir não se pra onde e pronto acabou a pesquisa. Não tinha um número suficiente. (pausa). Eu acho que havia uma dissociação do ciclo profissional do ciclo básico. A pesquisa não era sistematizada. O ciclo básico era muito egoísta, trabalhava para eles, tinham o projeto deles. Não estavam interessados em ciclo profissional. Também os médicos eram mais itinerantes. Nessa época, não havia uma dedicação exclusiva, os médicos ficavam quantas horas achassem necessário, não tinham nenhum controle e é claro que cada um dava as aulas e corria para os seus consultórios particulares. Não havia um controle, a função era dar aulas, e ver os doentes na enfermaria ou supervisionar os doentes, na havia um vínculo maior. Um pouco depois, houve um boom na pesquisa da indústria farmacêutica e essas indústrias pagavam as passagens e os materiais das pesquisas de muito médicos. Até que ponto...

DN – Isso não influenciava os resultados das pesquisas?

VV – Pois é, esse também é o meu questionamento. Isso desviou os reais interesses da pesquisa porque agente passou a pesquisar coisas que não tinham muito significado clínico, coisas que interessavam muito mais a outros do que a nós... Tínhamos casos impressionantes de parasitoses aqui no Brasil e também na África, mas ninguém queria financiar essas pesquisas. Os investimentos eram para (?) e (?) eu aqui não tinha muito sentido, muito significado clínico. O interesse clínico era desviado. Os laboratoristas iam produzir remédios que tivessem interesse mundial. Financiavam-se os assuntos, mas em pauta na indústria farmacêutica. Eu creio que isso desviou em muito o real significado da pesquisa médica. Nós tínhamos casos aqui impressionantes de parasitos que mereciam estudos, mas não era o caso. Além disso, tinham os picaretas como tem e todas as classes. Muitos se deixaram seduzir pela facilidade desses financiamentos das indústrias farmacêuticas em sua grande maioria, empresas estrangeiras. Havia uma distorção de dados, uma desonestidade muito grande por parte de alguns. Mas, vamos deixar isso pra lá!

AV – Vamos voltar às reuniões na sua casa. Como foi evoluindo aquele processo?

VV – Foi evoluindo na busca por alguém que mantivesse, que aceitasse uma faculdade porque era um negócio caro. Aí, surgiu a Fundação técnica Sousa Marques aceitou ou eles acharam que era a única que poderia aceitar e assim começou o processo e se partiu para a implementação do ciclo básico. Tinha o professor Doyle, o Jair Ramalho, que era muito inteligente e tal. Então, nessa implementação do ciclo básico é que eles me chamaram para coordenar o ciclo básico. Então, começou a briga. (risos). Começou a briga não porque ali tinha o Doyle que era uma pessoa excepcional, muito bom, muito honesto. Nós conseguimos levar o ciclo básico bem, não tão bem quanto eu queria, mas... havia o problema dos alunos. Quando eu cheguei lá, o diretório acadêmico odiava os professores. O Chico brigava muito. Afinal, foi uma luta até o Chico entender que eu estava do lado dos alunos.

DN - Você tinha tido contato com alunos excedentes antes ou só quando começou a escola?

VV – Só quando começou a escola. Havia uma certa resistência dos alunos a diretoria. Eu sentia isso. Eu não me lembro bem da parte política disso tudo, não era?

DN – Tinha um certo sentimento... Os alunos se sentiam como donos da escola e as coisas deveriam acontecer conforme a vontade dos alunos porque eles lutaram muito pela fundação da Escola então, qualquer coisa que ia contra o que eles imaginaram, eles brigavam muito.

VV – Você acha isso?

DN – É o que está sendo dito. Porque qualquer coisa que fosse contra aquilo que eles imaginaram, eles reclamaram isso Eles lutaram muito por aquilo, dois anos.

VV – Agora é que eu estou metido na política. Naquela época não, achava que tinha uma função ali que era coordenar.

DN - Você foi coordenadora de ensino. Havia uma proposta ou planejamento de ensino?

VV – Não havia proposta alguma, isso na minha concepção. Teríamos que formular isso de acordo com o ciclo básico. Porque tinha o mínimo que era exigido e a filosofia que era a agressão do homem (?). Com base nisso o conselho departamental e a coordenação de ensino, é que tinham de debater isso. O conselho departamental é cada departamento tem um representante que se reúne periodicamente com o diretor. Isso também foi uma briga inicial. Tínhamos uma proposta mínima para o ciclo básico que era exigida pelo MEC e só. Fomos organizando na prática mesmo, no dia a dia. A escolha dos professores tinha sido feita pelo conselho departamental. Esse foi outro problema porque eu, como coordenadora de ensino do ciclo básico, deveria integrar o conselho e na me chamavam. Essa foi outra briga.

DN – E você entrou para o conselho?

VV – No início não.

AV – E as disciplinas que integravam o ciclo básico?

VV – Ah! Muita biologia, anatomia, citologia, fisiologia, parasitologia, microbiologia, biofísica e bioquímica.

AV – Isso tudo era dado no primeiro ano?

VV – Não, era o básico. Primeiro e segundo ano. Eu acho que... muitas dessas coisas que são dadas no ciclo básico deveriam ser dadas depois senão pega na nacional por exemplo, o Chagas que te enche de eletricidade do peixe e o que depois você vai fazer com isso. Existem uma dissociação dos objetivos com a (?). Houve até uma escola na EUA que fez o ciclo em 6 meses mas sabe como eles começaram com uma mulher grávida. Eles estudavam a gravidez, o nascimento, um ensino integrado porque aqui o que agente aprende. Não aprende, precisa que algum tenha a coragem de chegar e enfrentar isso. Limpar os currículos. Tem que ter uma coerência do programa de aula com o tempo. Porque tinha um professor que dava um programa de aula de 3 anos e 3 meses. Ele dizia: a senhora está querendo mediocrizar o meu curso. Quando as outras escolas virem que eu só estou dando isso. Foi uma luta. Você tinha que adaptar os objetivos. Eu lutei muito por um ensino prático e integrado. Uma integração entre o básico e o profissional. Porque

isso não havia, o ensino do básico ficava solto, se utilidade e quando mais pra frente o aluno vai utilizar esses conhecimentos, já não se lembra mais. Teve professor que reclamou de mudar o programa dos cursos porque já tinha *slides* prontos, vê se pode!

DN – Que era esse?

VV – Ah! Sou ruim para nomes. Foi uma luta. Diziam que eu estava misturando a parte cirúrgica com a clínica. Foi um caos. Mas, enfim....

DN – Na Escola Sousa Marques, quando começou, a idéia de dar o mesmo assunto nas diferentes disciplinas, isso não era uma forma de integrar o ensino?

VV – Como? Mesmo assunto como?

DN – É por exemplo, eu estou estudando esquistossomose na parasito[logia], a lâmina na (?), eu vou estudar a lamina que mostra

VV – Ah ta. Bem, essa integração era muito difícil, houve muita resistência por parte dos professores. Deveria ter sido assim, mas e acho que não foi. Agora também não é muito fácil para você equilibrar, por exemplo, na (?) não haveria muito sentido. Nem sempre é muito fácil. Acho que o melhor é quando se precisa de algo solicitar o ciclo básico ou vice versa, vice versa eu fiz na nacional. Então no ciclo básico, era chamado um clínico para dizer como se aplicava aquilo. Eu fui chamada para dar essas aulas e eu tinha muito cuidado com a linguagem. Porque muitas coisas não têm sentido para o básico então eu preparava co cuidado. Mas, na minha opinião a maior integração deveria ser entre os ciclos. Essa comunicação é algo muito legal, mas, também muito difícil. Estávamos aonde

DN – No ciclo básico.

VV – O ciclo básico não foi mal não. Muito melhor do que seria na Nacional.

DN – Não teve essa integração toda?

VV – Não porque na tinha nem o ciclo profissional. O profissional foi no quarto ou quinto ano.

DN – Agora, fala um pouco mais sobre as dificuldades para a implantação da escola?

VV – Essa parte da implantação, como eu te disse, eu estou por fora, mas foi difícil.

DN – Mas o referente ao seu trabalho, na escola?

AV – Quem te convidou? Foi seu próprio marido?

VV – O convite veio da parte do diretor, que era o Paiva Gonçalves. Eu aceitei porque era uma experiência nova de ensino etc. Era uma proposta nova para mim e eu estava querendo muito exercitar as novidades que a ABEM trouxe para gente, então foi por isso que e fui. Mas, logo no inicio quem começou a estruturar a estrutura inicial do programa da Escola foi o Vinhaes. Dentro do grupo o que tinha mais ligações universitárias era o Vinhaes. Porque era ele que mais experiência acadêmica. Você vê, o Paiva era médico do

Exército, tinha clínica particular, mas não tinha experiência universitária. O Jarbas era muito experiente em clínica, no Hospital dos Servidores, dermatologia, mas ele também não tinha nenhum (?) com escola ou se tinha era chega e sair, dar uma aula e ir embora, não era professor. O Costa Couto dava aulas na Santa Casa, ele tinha uma enfermaria na Santa Casa, mas nunca esteve diretamente envolvido com coordenação de ensino, ele era requisitado para dar aulas na clinica medica. Passareli idem e então, o Vinhaes era o mais habilitado nesse sentido. O Vinhaes era a parte e da conexão entre a faculdade de medicina e a cirurgia medica. Ele sempre trabalhou nisso, em varias escolas e ele era muito ligado ao Fraga que era uma figura que sempre estava tentando implementar coisas novas na faculdade. Eles eram até requisitados para aulas, mas não tinham noção de como estruturar programas de ensino.

DN - Quando você diz que a Nacional estava tentando renovar o ensino, vocês começam a Sousa Marques também com essa idéia de renovação?

VV – Sim, sim. Estávamos nesse clima. Era a tentativa de implementação de novos métodos de ensino.

DN – Mas, existia alguma proposta por parte do Ministério da Educação de novas metodologias de ensino?

VV – Não, Não. Isso vinha da parte dos médicos, dos professores, era uma coisa isolada, não havia um programa do ministério. O Ministério só estabelecia, exigia os currículos mínimos dos ciclos. A ABEM naquela época é que começou a levantar o movimento, pelo menos o que eu saiba foi assim. Depois, o Vinhaes saiu porque pegou a cirurgia e achava que era muita coisa, a cirurgia e a coordenação de ensino. O cargo iria passar para mim, eu iria fazer a mesma coisa do que ele. Eu ia fazer o mesmo trabalho do que ele. Bem deixa pra lá! Eles disseram que não iam assinar a carteira, iam demorar para assinar a carteira. A escola queria me pagar a metade do que o Vinhaes recebia. Eu disse então: Tô fora! É a mulher discriminada.

DN – Porque queriam pagar a metade?

VV – Porque eu era mulher, discriminação. Isso ficou claro para mim na época. Mas, isso você vai editai. Conseguimos fazer um ciclo básico tão bom ou até melhor do que o da Nacional porque o básico na Nacional também era muito precário. Então que mais... Depois iniciou o ciclo profissional e eu entrei de cabeça porque estava com muita vontade de fazer, de conseguir essa integração.

DN – Você assumiu o ciclo profissional e daí entrou a Vera Lúcia no seu lugar no básico?

VV – Sim. No profissional, eu entrei de cabeça tava com vontade de fazer muita coisa. Muita coisa cerceada pelo esquema. Mas de qualquer forma, comecei com aquilo que eu já vinha fazendo na ABEM que era o ensino por objetivos. Porque o doente não chega para você e diz que está com pneumonia, diz que está com tosse e tal. Então, você tem que começar pelo problema. Então tosse, cabeça para baixo, isso seria melhor coisa a se fazer na escola medica, mas não aconteceu, pelo menos, eu queria estabelecer objetivos para que as aulas não se perdessem. Mas, era complicado, muita resistência. Uma das brigas foi a relação auxiliar de ensino com as aulas práticas. Eu queria aliar prática com teoria. Depois de muita discussão, ficou fechado que seria 1 para 8. Não era possível se

ter ensino, à beira do leito com mais de 10 alunos.

Fita 2 - Lado A

VV – (...) Mas, então. Era a relação estudante e a Santa Casa. Na Santa Casa os doentes eram usados de manhã pela Nacional e a tarde pela Sousa Marques. Não os mesmos, mas alguns sim. Então havia uma certa preocupação. Diziam que os doentes iam ficar exaustos, que ia ser uma bagunça. Depois, fiquei até sabendo que havia espões da Nacional A implantação desse método foi muito organizada, deu muito certo. Cada um ia para o seu lugar certo não havia tumulto, tudo organizado, não é?

DN – É, eu lembro até que tinha uma salinha.

VV – Para as discussões.

DN – A gente ficava meio apertado, mas tinha.

VV - Eu fiz os objetivos das aulas práticas e dava para os professores. A secretária ficou até com uma (?) coitada de tanto bater porque naquela época não tinha computador de nem impressora. Dei para todos os professores os objetivos. Mas, eles reclamaram, diziam que estava cerceando a liberdade deles e que esses objetivos serviriam de cola para os alunos.

DN – Dessa briga não.

VV – Não da briga não. Mas, não era nada disso, eu só queria orientar e sistematizar as aulas práticas. Eu queria que tivesse uma evolução unânime porque senão um grupo via o doente hoje, via o fundo de olho, o outro apalpava o baço, outro via a unha encravada do pé. Conclusão, não tinha como você evoluir se não tivesse um objetivo. Todos os professores de aulas práticas tinham que fazer aquilo para que quando chegasse no final da ala prática, todos os alunos tivessem feito um exame da cabeça aos pés. Eu tinha que andar de grupo em grupo para ver se aquilo estava certo.

DN – Na verdade, a sua dificuldade maior foi com os professores?

VV - Sim. Porque os professores queriam mais liberdade de ação. Eu acho ótimo liberdade, mas pelo menos e parte de (?) tinham que ser sistematizada porque senão chegava na parte de penemologia e eles só viam aquilo. Olha, meio complicado... o negócio foi indo e os objetos prevaleceram. Não se conseguiu tudo, mas alguma coisa foi feita. Consegui implementar esses objetivos não de maneira plena, mas foi o que deu para fazer. Você foi aluna, o que achou do curso?

DN – Eu achei um bom curso. Os professores eram bons. Essa briga, essa dificuldade entre os professores, não passava para os alunos, não percebíamos isso. Não sei se o pessoal no diretório, como o Chico Medina sabia, mas a maioria dos alunos não se deu conta disso, não passava.

VV – Teve um professor que disse que o status dele não era de dar aula na enfermaria. Ele só queria dar a magistra e havia sido nomeado para auxiliar de ensino. Eu disse para

ele abrir mão da nomeação, mas ele não quis. Tinham muitos professores que achavam que dar aula à beira de leito era desprestígio, então tinham alguns que não queriam dar de jeito algum. Foi difícil. Houve a implantação do ciclo básico e depois do profissional. Era um trabalho de desbravar a selva porque tinham alguns professores que tinham conexão com a Nacional, mas outros não. Tinha também uma coisa que era rodar os auxiliares de ensino. Isso também foi outra luta porque o que acontecia era que quando um ficava muito tempo na mesma viravam amigos e dava presença, ficava uma cumplicidade de omissão. Então, a gente queria rodar os auxiliares.

DN – Você está falando da relação com os professores e em relação aos alunos?

VV – Em relação aos alunos, eu não tive grandes dificuldades. Depois que o Chico viu que eu não mordida que eu entendi os objetivos dele, ficou tudo bem. Fiquei amiga dos alunos. Dava-me muito bem com os alunos, fui até homenageada. O problema era com os professores. Eu gostava dos alunos que o esforço deles foi grande, eu me sentia no barco deles.

AV – No caso, você está falando do sucesso. Mas, teve alguma coisa que não deu certo?

VV – Não estou falando do sucesso, falo das lutas (risos).

DN – Alguma coisa que não conseguiu mesmo fazer?

VV - O que não conseguimos fazer foram os saltos muito grandes como reestruturar todo o currículo da escola. Mas, esse era um intuito em longo prazo.

AV – Até quando você ficou?

VV – Olha, teve o Conselho Federal de Educação. No momento em que o Conselho reconheceu a escola que fica sobre provação, você sabe... Porque antes, a escola ainda estava sobre vigilância do Conselho, podia ser aprovada ou não. No momento em que o Conselho reconheceu, os professores foram chamados e nos disseram que ia mudar tudo.

DN – Nós quem?

VV – Os professores coordenadores dos departamentos. Diziam que a escola estava muito cara, não dava mais para isso e que as aulas práticas seriam de 1 para 20 e que os professores deveriam indicar quem ia sair. Quais os professores que seriam postos para fora, que seriam dispensados. Aí, eu disse meu compromisso acabou. Naquele momento para mim, acabou a escola.

DN – A primeira turma já tinha saído?

VV – Já. Por isso que foi reconhecido. Nesse momento, eu disse que não ia indicar ninguém e que eu estava comprometida com outro esquema. Agora você imagina um auxiliar de ensino para 16 alunos, não tem cabimento. Esse esquema era o fim de tudo que eu sempre lutei. Esse esquema não dava. Muitos professores também tiveram a mesma oposição que eu, se recusaram a indicar outros professores. Ia pedir demissão e ficava me falando: não pede senão você vai perder seus direitos, eles é que tem que te mandar embora. Mas, antes disso, eles me pediram todos os relatórios dos cursos e do

meu trabalho e eu dei. Bem, de qualquer, eu daria. Eles pegaram aquele material todo para eles.

DN – Mas do pedido dos relatórios a essa proposta foi quanto tempo?

VV – Logo depois.

AV – O ano, você não lembra?

VV – Não. Isso é impressionante. Se você perguntar até casamento, filhos, eu tenho que consultar. Sempre tive um problema com números. Matemática e já na gostava muito, eu fazia aquilo tudo e quando chegava na última conta, eu errava porque não agüentava mais prestar atenção. Então, datas de história. Se você me pede datas.... E o Vinhaes tem uma memória extraordinária para datas.

AV – Você saiu antes dele?

VV – Saiu o bloco todo.

DN – Quem saiu, depois dessa reunião?

VV – Eu, Vinhaes, Jarbas, Mário já tinha morrido, Costa Couto também saiu. Doyle não saiu.

DN – Doyle está lá até hoje.

VV – Nem sei o porque, a justificativa ele não saiu. O Pedro teve um AVC. Passareli ficou. Passareli fazia qualquer coisa para se livrar do Vinhaes. Nós resolvemos não pedir demissão, ficamos parados esperando o que eles iam fazer. Porque, assim eles teriam que indenizar a gente. Eles nos mandaram embora e pagaram nossos direitos. Depois disso, sinceramente eu nunca mais soube nada da Sousa Marques. Vinhaes ficou magoado até hoje, ele não quer saber. Outro dia, eu estava fazendo um trabalho sobre qualquer coisa e eu precisava citar o Paiva Gonçalves. Precisava não, ficava bem, cabia, aí citei o Paiva, o Vinhaes ficou... comigo. Saí de uma fase entra para outra, acabou, mas para Vinhaes, Sousa Marques virou um palavrão. Ele não esquece. Nunca mais deixou aluno da Sousa Marques estagiar lá na enfermaria. Ele não esqueceu. A coisa mais agressiva que eu fiz foi um dia a Stela disse que viu umas rosas bonitas e que ia me mandar as rosas. Eu disse para o secretário, fala para ela não me mandar nada não. Porque o pai dela foi uma pessoa, tão interessante, honesta e parece que ela não é filha do pai. (risos). Eu cumpri minha missão. Sinto dessa forma, acabou, acabou, mas foi muita sujeira, muita desonestidade. Foi uma coisa muito séria não é brincadeira. Não é só a parte emocional sua...

DN – Na verdade, eles se liberaram dos alunos e dos professores que fundaram a escola.

VV – Pois é. Não é só isso, o que agente via é que ia ser uma escola muito ruim, uma escola que tem aulas práticas dessa forma e que desestrutura todo um trabalho dessa forma. Agente ficou sem saber o que iria acontecer com a escola. É uma escola que se propõe a ter poucos professores e muitos alunos para poder entrar dinheiro não pode dar certo. Todo nosso esforço para montar um curso de diferencial e de qualidade foi por água a baixo.

DN – Agora, só por curiosidade. Há diferença entre a primeira turma que ficou 2 anos lutando pelas vagas que era uma turma que não pagava porque o MEC investiu e dava bolsas e era a turma que lutou para implementação da escola e as turmas que vieram depois?

VV – Eu não sei. Eu teria de pensar. Não sei te dizer... A minha ligação emocional com a primeira turma era muito grande e eu não posso te dar minha opinião porque ela seria tendenciosa.

DN – Nada que te salte a memória?

VV – Não. Eles eram muito bons. Isso foi comprovado nos concursos, todos ficaram muito bem colocados. Das outras turmas eu não acompanhei, mas eu não se te dizer, não posso comparar. É isso!

DN – Muito bem, alguma pergunta a mais?

DN – Vera, eu só quero lhe dizer que foi um prazer conversar com você sobre essa história e ter a sua contribuição. Muito obrigado por ter dado a sua contribuição.

VV – Não há de quê! Espero ter ajudado vocês, contribuído de uma forma positiva.

DN – Com certeza...